



UFU - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES

Bruno Henrique Rodrigues Alves
Não há vagas

UBERLÂNDIA/MG
2018

UFU - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES

Não há vagas

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito à obtenção do título de graduação em Artes Visuais no Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto de Lima Bueno

UBERLÂNDIA/MG
2019

BRUNO HENRIQUE RODRIGUES ALVES

NÃO HÁ VAGAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito à obtenção do título de graduação em Artes Visuais no Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia.

BANCA EXAMINADORA

Uberlândia, ___ de _____ de 2019

Prof. Dr. Paulo Roberto de Lima Bueno

Prof. Dr. Raquel Mello Salimeno de Sá

Prof. Dr. Alexander Gaiotto Miyoshi

RESUMO

Este trabalho representa um pouco do muito que vivi ao longo do curso de artes visuais da Universidade Federal de Uberlândia. Por toda a extensão, exponho algumas reflexões sobre questões que me atravessam para realizar um trabalho, uma exposição, e dessa maneira encerro o meu ciclo dentro do curso.

Foi um processo complexo, exaustivo, e acredito que um dos meus grandes desafios do curso. Ironicamente, depois de passar por uma diversidade de práticas e desdobramentos da arte, volto a fazer charge, o tipo de trabalho que me levou para dentro do curso de artes visuais. Desde que minha memória alcança crio e produzo arte nesse âmbito, porém agora com um referencial artístico e teórico mais maduro, que me levam a compor um trabalho mais crítico e analítico. É interessante pensar que ao longo do processo de desenvolvimento deste trabalho, o que me parecia o fim, acabou por virar um começo. À medida que fui relembrando minha trajetória, percebi que nunca havia desenvolvido uma exposição exclusivamente minha e uma série de sentimentos atuaram sobre esse fato. Em consequência, digo que foi complexa e exaustiva a elaboração deste trabalho, mas acabou se tornando um começo já que muitos destes sentimentos viraram marcas em mim.

IMAGENS

Figura 1 - Desenhos perdidos em meus cadernos.....	10
Figura 2 - Charge de Angeli em 2011.....	14
Figura 3 - Charge de Ziraldo para O Pasquim em 1971.....	16
Figura 4 - Sátira a Maomé na revista Charlie Hebdo	18
Figura 5 - Charge capa da revista Charlie Hebdo com os dizeres “Amor mais forte que o ódio”.....	18
Figura 6 - Charge publicada no O Pasquim na década de 70	19
Figura 7 - Charge publicada no O Pasquim na década de 70	19
Figura 8 - Charge de Belmonte satirizando o aumento de impostos.....	21
Figura 9 - Charge de Belmonte satirizando o nazismo.....	21
Figura 11 - Charge de Laerte que levanta questões sobre transgênero.....	23
Figura 10 - Charge Piratas do Tietê de Laerte.....	23
Figura 12 - Charge de Millôr em 2012 sobre nossa cultura	25
Figura 13 - Charge de Millôr sobre a questão política	25
Figura 14 - Recorte de três charges produzidas para este projeto	27
Figura 15 - Foto com o orientador Paulo Buenoz na exposição Não há vagas	28
Figura 16 - Série Quem te controla?.....	29
Figura 17 - Esboços para série Quem te controla?	30
Figura 18 - Charge Banqueiro da série Quem te controla?.....	32
Figura 19 - Charge General da série Quem te controla?	33
Figura 20 - Charge Latifundiário da série Quem te controla?	34
Figura 21 - Brincadeira de criança (2018 - nanquin e acrílica sobre papel).....	35
Figura 22 - Rascunhos para série Brincadeira de criança.....	36
Figura 23 - Referência de cores.....	36
Figura 24 - Charge Bala Mecânica da série Brincadeira de criança	38
Figura 25 - Charge Bala Mecânica da série Brincadeira de criança	39
Figura 26 - Charge Canhão da educação da série Brincadeira de criança	40
Figura 27 - Políticos Tradicionais (2018 - nanquin e acrílica sobre papel).....	41
Figura 28 - Esboços iniciais para série Políticos Tradicionais.....	42
Figura 29 - Charge Palhaçada da série Políticos Tradicionais (2018 - nanquin e acrílica sobre papel).....	43
Figura 30 - Charge Tornozeleira do campeões da série Políticos Tradicionais (2018 - nanquin e acrílica sobre papel)	44
Figura 31 - Charge Roda a roda da série Políticos Tradicionais (2018 - nanquin e acrílica sobre papel).....	45
Figura 32 - Gráficos representativos (2018 - nanquin e acrílica sobre papel)	46
Figura 33 - Esboços iniciais para série Gráficos representativos.....	46
Figura 34 - Charge Gráfico 1 da série Gráficos representativos (2018 - nanquin e acrílica sobre papel).....	47
Figura 35 - Charge Gráfico 2 da série Gráficos representativos (2018 - nanquin e acrílica sobre papel).....	48
Figura 36 - Charge Gráfico 3 da série Gráficos representativos (2018 - nanquin e acrílica sobre papel).....	49
Figura 37 - Cenário para assistir o vídeo	50
Figura 38 - Cenário para assistir o vídeo e adesivos para levar	51
Figura 39 - Recortes do vídeo exibido na exposição Não há vagas	52

CAPÍTULOS

Cartografia.....	11
Quem tem fome tem pressa!.....	15
Charge	17
Belmonte.....	20
Laerte.....	22
Millôr.....	24
Produção	27
Não há vagas.....	28
Quem te controla?	29
Brincadeira de criança.....	35
Políticos tradicionais.....	41
Gráficos representativos.....	46
Além dos desenhos	50
Reflexão	53
Material consultado.....	55

Figura 1 - Desenhos perdidos em meus cadernos



Fonte: Alves (2019)



Fonte: Alves (2019)

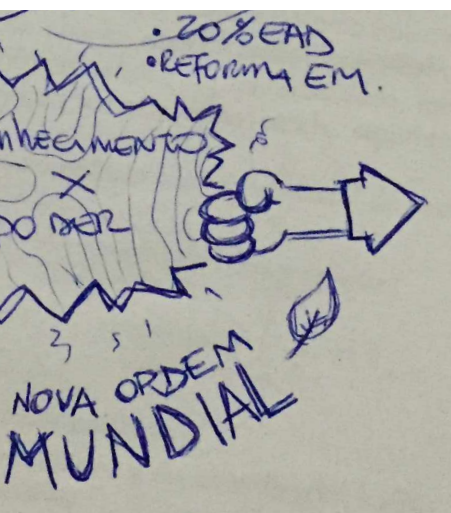
CARTOGRAFIA

“Cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atrai e é atraída por ambientes onde encontra ressonância (aliás muitas de nossas escolhas são determinadas por esta atração). Quando isto acontece a marca se reatualiza no contexto de uma nova conexão, produzindo-se então uma nova diferença.”

(ROLNIK S, 1993, p. 2)

Segundo o texto de Suely Rolnik (Pensamento, corpo e dever - Uma perspectiva ético/ estético/ política no trabalho acadêmico), praticamente tudo que nos afeta cria uma marca em nosso corpo, seja ela visível ou invisível. Essas marcas continuam sempre vivas entretanto vão sofrendo mutações ao longo de nossa vida, e a junção de várias dessas marcas, criam fluxos que se conectam entre si e que dão consistência para aquilo que chamamos de nossa composição atual, o que somos. Essas composições quando se estremessem dão origem a estados não conhecidos, “somos tomados por uma espécie de desasossego” (ROLNIK S, 1993, p. 2).

Fonte: Alves (2019)



Para a elaboração deste trabalho, me propus a dedicar um tempo maior nesse processo de entender minha sensibilidade em busca de uma certa potência ainda desconhecida. A partir dessa busca do sensível, começo a tatear meus pensamentos, encontrar esse meu “desasossego” que, apesar de parecer uma tarefa simples, não se trata de uma ciência exata, não é apenas uma exploração da memória. Esse é um processo muito mais subjetivo, uma vez que não existe um método, trata-se de um aprendizado muito sutil. Então dou início a um processo de revisitar os trabalhos produzidos desde o início do curso. Desenhos, esculturas, pinturas sobre tela, xilogravura, entre outros tantos projetos frutos de experimentações. Não estava preocupado com algum resultado ou objetivo, meu foco era apenas tentar sentir algum vestígio. Revisitei muitos cadernos e comecei a reparar em desenhos aleatórios, aqueles que são fruto de devaneios durante as aulas, eles aparecem em forma de caricaturas, críticas, jogos de palavras...

Nesse meu processo íntimo de pesquisa, a todo momento eu era confrontado com notícias sobre nosso cenário político, tanto aqui no Brasil como no mundo. Isso me intrigava de várias maneiras e gerava grandes debates, tanto entre meus amigos, como com meu orientador. Nos últimos anos (meados de 2012 em diante) vimos um interesse maior das pessoas por questões políticas, e é cada vez mais comum ver as pessoas se manifestando pelos seus ideais, pedindo mudanças. Entre 2012 e 2013, o Brasil viu uma de suas maiores mobilizações de pessoas que pararam tudo e foram pras ruas se manifestar contra os altos custos de vida, precarização do serviço público, corrupção ostensiva, entre muitos outros temas que fizeram parte do movimento. De lá pra cá, esse tema político trouxe à tona opiniões e posicionamento extremados de todos os lados. As redes so-

ciais impulsionaram os debates e não era difícil ver parentes e amigos em discussões inflamadas sobre partidos políticos, corrupção, progresso e etc.

Essa discussão política já me acompanha há algum tempo, muitas vezes ela me tira o sono, me enfurece, me alegra, me causa repulsa... o processo do sensível começa a demonstrar algumas possibilidades.

“A inteligência vem sempre depois” (PROUST, M, 1983a.)

Pensar é interpretar, ela (a inteligência) vem em uma segunda etapa, deixei-me entranhar pelas marcas e a partir daí sou convocado a escrever. Várias e várias folhas rasgadas, amassadas, arremessadas no lixo para tentar expressar um corpo para essas marcas, dar visibilidade ao invisível. É na escrita que se dá o trabalho do pensamento, é onde ela ganha acuidade e consistência. Nesse momento eu tinha muito bem definido onde eu queria chegar, e comentar política através de minhas ilustrações já era algo certo para este projeto.

Figura 2 - Charge de Angeli em 2011



Fonte: Angeli, 40 anos de Folha¹

¹Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2015/09/20/angeli-40/>>. Acesso em 24 ago 2018



QUEM TEM FOME TEM PRESSA!

Durante muito tempo precisei de silêncio, parecia que nada acontecia, quando vinha não fazia muito sentido, não existia conexão entre as coisas. Felizmente chega a hora em que a marca por sí só traz tudo à tona e indica a direção. Uma vez ouvi a frase “quem tem fome tem pressa” em um debate político qualquer, e apesar de não me lembrar ao certo quando foi, sei que ela ecoou em meus pensamentos durante muito tempo, até chegar no ponto da miséria. Penso sobre os resultados e consequências de muitas décadas de negligência com os direitos mais básicos da população por parte do Estado e que acabaram criando uma desigualdade social gigante onde as situações mais absurdas se tornam triviais.

As misérias sociais estão à vista: desemprego, precariedade, subemprego, emigração forçada, salários mais baixos, aposentadorias mínimas, aumento da pobreza e da miséria extrema, mais pessoas sem qualquer rendimento e sem apoios sociais, mais crianças pobres, mais velhos pobres, mais crianças com fome, menos acesso à saúde, menos acesso à educação, mais abandono escolar, menos serviços públicos, mais depressão. A miséria moral é aquela que foi sendo insidiosamente instau-

rada na sociedade pelas disputas do poder e pelo seu discurso, pelo seu recurso despudorado à mentira sistemática tornada banal, pelo seu uso da desconfiança como instrumentos de manipulação do público.

Pratica-se no Brasil uma cultura de desprezo pelos velhos e pelos doentes, apresentando-os como gastadores de recursos sem préstimo e como abusadores dos direitos sociais. Conseguiu-se impor um clima de confronto entre desempregados e trabalhadores, apresentando a estabilidade de emprego como pecaminosa e um obstáculo à competitividade. Conseguiu-se lançar uma guerra de gerações entre velhos “privilegiados” por terem pensões e jovens a quem foi dito que estavam em risco de nunca receber reformas devido aos “privilégios” dos seus pais e avós. As práticas políticas conseguiram minar consensos sociais laboriosamente construídos ao longo de 40 anos de democracia, como o acordo sobre a necessidade de investir na escola inclusiva, na formação de alto nível e na pesquisa. O Governo conseguiu apresentar sistematicamente a máquina do Estado como uma “gordura” improdutiva, um aparelho inútil e despesista, formado por burocratas preguiçosos e incompetentes, pondo trabalhadores do setor privado contra funcionários públicos e destruindo uma filosofia de serviço público e uma ética de trabalho com séculos de consolidação, para melhor dismantelar o Estado social. E impôs por todos os meios possíveis a agenda neoliberal segundo a qual o trabalho é uma mera mercadoria sem dignidade particular, cujo valor deve ser tão reduzido quanto possível.

A miséria moral que este panorama evidencia pode ser menos visível do que os dramas da pobreza, mas é infinitamente mais grave, porque abre fraturas de hostilidade e desconfiança na sociedade que levam muitos anos para reparar.

Figura 3 - Charge de Ziraldo para O Pasquim em 1971



Fonte: Acervo Resistir é Preciso/IVH



CHARGE

A charge é um gênero textual jornalístico. Ela se utiliza da imagem para expressar um posicionamento crítico, normalmente em bons tons de ironia e que reflete situações do cotidiano. O termo charge é oriundo do francês charger e que significa carga, exagero ou ataque violento. É fácil se confundir entre os termos charge e cartum (cartoon), a única característica que as difere é o elemento tempo, enquanto a charge retrata situações atuais embasadas em notícias, o cartum é utilizado para criticar e satirizar situações atemporais.

Por meio da charge, o leitor tem a capacidade de compreender a dinâmica de acontecimentos ocorridos em todo o mundo e o chargista precisa estar inteiramente familiarizado com os assuntos jornalísticos para conseguir sintetizar a história, retratar e transmitir a mensagem em um único quadro de elementos gráficos. Pode se dizer que a charge é uma narrativa efêmera. Como ela retrata algo do momento, ele pode perder o seu sentido em outros contextos.

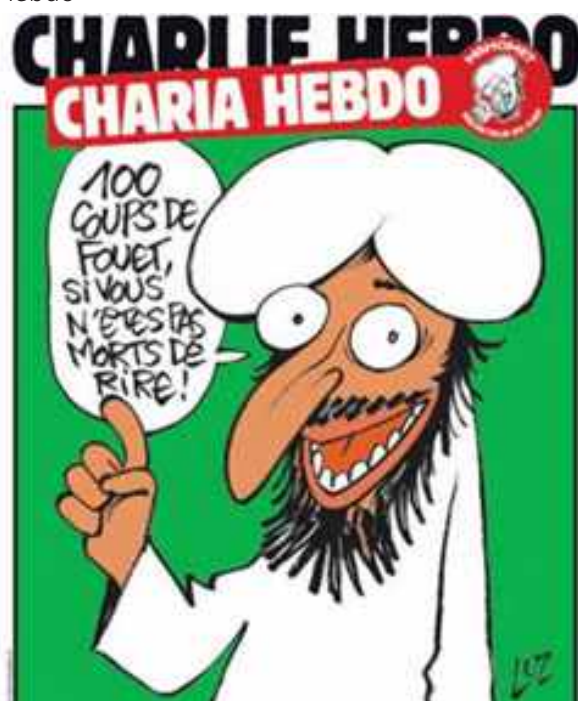
O humor gráfico brasileiro nasceu sob a influência do humor francês, bastante ousado e confrontador. Na verdade, toda a imprensa brasileira se espelhou na francesa no século XIX.

Essa “coragem” para confrontar o poder à francesa durou mais de um século e foi asfixiada pela ditadura Vargas por meio da censura. Durante a ditadura militar, com o jornal *O Pasquim* e Henfil, as charges voltam no regime militar, graças à sua inteligência para driblar uma censura atrapalhada”.

O *Charlie Hebdo*, por exemplo, é uma publicação francesa, semanal, fundada em 1960 e que usa a sátira para criticar as religiões (principalmente o catolicismo, o judaísmo e islamismo) e o Partido Comunista Francês. É bastante polêmico e o descontentamento em relação ao material que produz teria motivado, em janeiro de 2015, um ataque de conotações terroristas em que 12 pessoas foram assassinadas. O crime seria uma resposta a uma charge usada como sátira ao profeta Maomé, que dizia “cem chibatadas se você não estiver morto de rir.” Naquela edição, o jornal mudou o nome para *Charia Hebdo*, numa brincadeira com a palavra “sharia”, nome que se dá para as leis islâmicas.

Algum tempo depois, publicaram uma nova charge que traz Maomé beijando um cartunista com o texto “o amor, mais forte do que o ódio”, uma clara resposta aos ataques terroristas sofridos contra extremistas islâmicos.

Figura 4 - Sátira a Maomé na revista Charlie Hebdo



Fonte: UOL¹

Figura 5 - Charge capa da revista Charlie Hebdo com os dizeres “Amor mais forte que o ódio”



Fonte: UOL¹

¹Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1571639-conheca-a-historia-do-jornal-charlie-hebdo-alvo-de-ataque-a-tiros-em-paris.shtml>>. Acessado em 20 set de 2018

No Brasil tivemos por muito tempo a publicação de *O Pasquim*, também um semanário que usava da charge para comentários políticos, que circulou entre 1969 e 1991. Nasceu em meio à ditadura militar e encerrou pouco depois de seu fim. Durante os anos 70 esse semanário não poupava críticas ao regime e à censura, porém não era permitido publicar nada que atentasse à moral e aos bons costumes, com isso mais da metade da seus redatores foram encarcerados por crimes contra a lei de imprensa.

Nestas charges, Millor Fernandes ironiza a censura que acontecia na época. Ele brinca com a lei de Imprensa que existia na ditadura onde as publicações não poderia conter matéria ofensiva à moral pública e aos bons costumes.

Na atualidade, podemos ver que o “politicamente correto” ganha cada vez mais espaço, quebrando um pouco da essência da charge. Ainda hoje existe uma vanguarda de humoristas gráficos que resistem à pressão e continuam espalhando suas sátiras, mas agora através das redes sociais, o que possibilita um alcance bem maior que os jornais impressos.



Figura 6 - Charge publicada no *O Pasquim* na década de 70



Figura 7 - Charge publicada no *O Pasquim* na década de 70

BELMONTE

No Brasil, a charge ganha uma maior notoriedade durante a ditadura militar, porém bem antes de 1964, por volta dos anos 1920 a 1930, Belmonte já satirizava e criticava Getúlio Vargas e a Aliança Liberal .

Benedito Carneiro Bastos Barreto, mais conhecido como Belmonte, nasceu em São Paulo, em 15 de maio de 1896 e faleceu em 19 de abril de 1947 aos 50 anos devido à tuberculose. Publicou suas primeiras caricaturas em 1912 na revista paulista Rio Branco, e colaborava com a revista carioca D. Quixote, além de quase todas as outras revistas que circulavam naquela época (Miscellanea, Radium, Cosmos, Revista da Semana e Fon-Fon!). Em 1925 cria o personagem “Juca Pato”, baixinho, careca, óculos de tartaruga, fraque, polainas e gravata-borboleta. Ele representa o cidadão paulista de classe-média em seus anseios e reivindicações. Suas charges diárias tratavam tanto de política, burocracia, racismo, carga tributária; quanto o cotidiano da cidade, como o descaso das autoridades pelos monumentos públicos, a urbanização desenfreada que derruba prédios, o problema da arborização, as pichações políticas e etc.

Figura 8 - Charge de Belmonte satirizando o aumento de impostos



— Chi! Lá vem tempestade! e eu neste deserto, com o guarda-chuva esburacado!

Fonte: Belmont

Nesta charge de Belmonte, faz-se uma crítica à chuva de impostos que a população era submetida, e pode ser facilmente confundida com uma charge atual, porém é datada de meados de 1940. O personagem Juca Pato segura um guarda-chuva todo furado com uma mensagem escrita “soberania popular” fazendo uma sátira na qual os impostos superam os recursos da maioria da população.

Em decorrência da censura

que Getúlio Vargas impôs, Belmonte passa a usar o alemão Adolf Hitler como alvo de suas charges durante os anos de 1939 a 1945. Além de Hitler, ele constantemente satirizava o italiano Mussolini, o inglês Churchill e o soviético Josef Stalin. Nessa época, seus desenhos alcançaram revistas e jornais da Europa, e em decorrência de queixas do Consulado do Japão em São Paulo, Belmonte foi proibido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) de retratar o imperador japonês Hiroíto.

Figura 9 - Charge de Belmonte satirizando o nazismo



Fonte: Belmont (1939)

Nesta charge Belmonte satiriza Hitler como se ele agisse sobre o mundo do mesmo modo que uma criança brinca com seus brinquedos.

LAERTE

Laerte Coutinho, ou simplesmente Laerte, nasceu em São Paulo em 10 de junho de 1951, é cartunista e chargista, sendo considerada uma das artistas mais importantes nessa área no Brasil. Em 2004, inicia um processo de reflexão sobre sua identidade de gênero, que transforma profundamente sua produção, tornando-a mais engajada em questões de direitos humanos, gênero e sexualidade. Em 2009, assume sua transgeneridade³ e vincula-se a movimentos dedicados ao debate sobre o tema. Laerte é uma das mais ilustres cartunistas do Brasil, e participou de diversas publicações como a *Balão* e *O Pasquim*. Colaborou também com as revistas *Veja* e *Istoé*, além dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Criadora de personagens emblemáticos como os Piratas do Tietê, Hugo Baracchini, Deus e Overman, Laerte consegue com humor concomitantemente refinado e mordaz, explorar temas relevantes da existência humana. Junto a outros artistas de sua geração, como Angeli e Glauco, inaugura um novo estilo na produção de quadrinhos, tornando-se marco para o cartunismo brasileiro.

³ Transgênero são pessoas que têm uma identidade de gênero, ou expressão de gênero diferente de seu sexo atribuído.

Na década de 1980, torna-se famosa pela parceria com Angeli e Glauco, com quem desenvolve a série de faroeste Los Tres Amigos, cujos personagens são alteregos dos três cartunistas: Laerton, Angel Villa e Glauco. Suas tiras cômicas, publicadas em jornais, se destacam, entre outros motivos, pelo uso de recursos como o hiato, em que Laerte utiliza o espaço em branco não apenas para separar uma vinheta da outra, mas também para introduzir um comentário do narrador.

Figura 10 - Charge Piratas do Tietê de Laerte



Fonte: LAERTE . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24989/laerte>>. Acesso em: 21 de Out. 2018.

Já na série Piratas do Tietê, um grupo de piratas navega pelo rio Tietê, em São Paulo, criando confusões e promovendo saques. Com uma participação especial de Fernando Pessoa logo na primeira tirinha, Laerte sugere sutilmente o cenário da cidade através de pequenos detalhes como o aqueduto, a ponte da qual o poeta se atira e o cenário próprio da metrópole, em contraste com a estética dos piratas e de suas embarcações, em uma mistura insólita de realidade e fantasia. Por outro lado, a identificação geográfica desaparece com frequência, tornando a metrópole uma referência que ora aparece específica ora genérica.

A partir de 2009, as questões da transgeneridade, muito presentes em sua vida, passam também a figurar em alguns de seus trabalhos, como o personagem Hugo que vivencia os mesmos questionamentos, transformações e se estabelece em uma nova série como Muriel, problematizando situações cotidianas das travestis. Nesta fase, a primazia do humor cede espaço à militância e atuação política, em que a expectativa pelo riso fica, em muitos momentos, em segundo plano.

Figura 11 - Charge de Laerte que levanta questões sobre transgênero



Fonte: Documentário Laerte-se, disponível no Netflix

MILLÔR

Millôr Fernandes nasceu no Rio de Janeiro em 16 de agosto de 1923 sob o nome de Millôr Viola Fernandes. Faleceu em 27 de março de 2012 vítima de parada cardiorrespiratória, um ano após um acidente vascular cerebral. Ele foi desenhista, humorista, dramaturgo, escritor, poeta, tradutor e jornalista brasileiro. O grande incentivador da carreira de Millôr foi o seu tio, Antônio Viola, que o levou a publicar desenhos no periódico “O Jornal”. Aos 15 anos já se empregara como repaginador e contínuo na revista “O Cruzeiro”.

Em 1939, após ganhar um concurso de contos promovido pela revista A Cigarra, é convidado por Frederico Chateaubriand para escrever na mesma revista. Em pouco tempo está assinando a coluna de humor Poste Escrito da revista, com o pseudônimo Emmanuel Vão Gôgo. Retorna para O Cruzeiro e, em 1945, inicia a publicação de seus trabalhos na seção de humor O Pif-Paf, em parceria histórica com o humorista gráfico Péricles (1924 - 1961).

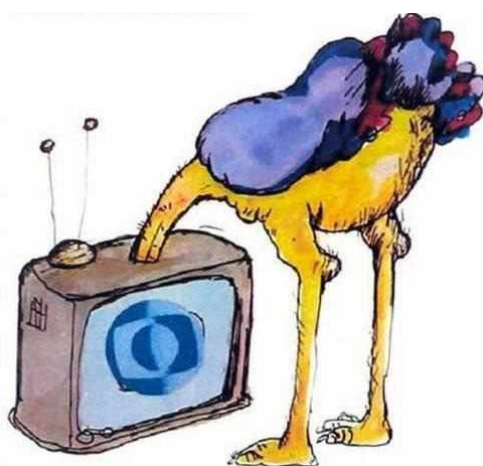
Millôr entende o desenho como uma forma de pensamento em

papel e com ele mistura referências da alta e da baixa cultura em suas criações. Do ponto de vista formal, o traço sintético, a linha bidimensional como estrutura da forma tridimensional e a valorização dos espaços em branco dos desenhos são elementos encontrados no trabalho do brasileiro, que é considerado um dos modernizadores do desenho de humor.

Em 1962, passa a assinar Millôr em todos os trabalhos publicados em O Cruzeiro e em 1963 a revista publica A Verdadeira História do Paraíso, volume que reúne uma série de textos e ilustrações de Millôr criadas desde o final dos anos 1950 sobre a versão bíblica da criação do mundo. A história causa irritação a um grupo de católicos e a partir de então, Millôr vai trabalhar nos maiores jornais e revistas do país, como Correio da Manhã, Veja, IstoÉ, Jornal do Brasil, O Dia, O Estado de S. Paulo, Folha de S.Paulo e o português Diário Popular.

Além de sua produção na mídia impressa, Millôr apresenta programas na TV Itacolomi, de Belo Horizonte, e, na TV Tupi, do Rio de Janeiro. Escreve poemas, textos, adaptações e traduções para o teatro (traduziu obras de Shakespeare, Molière, Brecht e Tennessee Williams) e roteiros para cinema, publicando dezenas de livros.

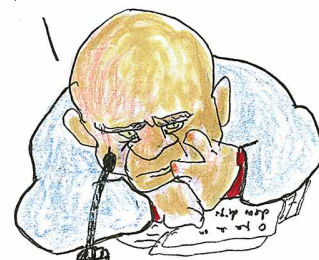
Figura 12 - Charge de Millôr em 2012 sobre nossa cultura



Fonte: Acervo IMS¹

Figura 13 - Charge de Millôr sobre a questão política

E NÃO VOU DELATAR MAIS PORQUE NÃO TENHO MAIS O QUE DELATAR. O CORRUPTOR QUE ME CORRUMPEU EXIGIU QUE EU SÓ DELATASSE O QUE ELE ME DELATOU. E EU ATÉ ESCONDI MENOS DO QUE ELE ME ESCONDEU.



Fonte: Acervo IMS¹

¹<https://ims.com.br/por-dentro-acervos/millor-atemporal/>



Fonte: Alves (2018)



Fonte: Alves (2018)

Figura 14 - Recorte de três charges produzidas para este projeto



Fonte: Alves (2018)

PRODUÇÃO

Baseado em todo o processo descrito anteriormente, busco com esse trabalho criticar e satirizar situações políticas utilizando a charge como modo de representação pictórica. Com um processo já melhor pensado, comecei a fazer alguns esboços, aqueles primeiros rabiscos, algumas ideias de composição, alguns rascunhos de personagens, ...

Decido, então, fechar em quatro séries de 3 desenhos, cada série comentando um tema diferente: Quem te controla?, Brincadeira de criança, Políticos tradicionais e Gráficos representativos.

NÃO HÁ VAGAS

O título escolhido para exposição foi “Não há vagas” fazendo uma alusão ao nosso momento social, ou melhor, nossa miséria social. Não há vagas nas escolas públicas, o Brasil possui cerca de dois milhões e meio de crianças e adolescentes fora das escolas (fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), algo em torno de 10% do universo total de alunos. Essas crianças que estão fora da escola são exatamente as que mais precisam, uma vez que no geral são as deficientes, as mais pobres, e que moram em lugar mais ermos. Não há vagas nos hospitais, o atendimento precário é responsável por 153 mil mortes por ano (dados publicados pelo jornal científico *The Lancet*), além de alguns tratamentos terem filas de mais de um ano de aguardo para atendimento. Não há vagas de emprego, são cerca de 13 milhões de pessoas desempregadas (fonte: IBGE) que acabam indo pro mercado informal para tentar encontrar alguma renda, ou acabam ficando sem teto e, ou ainda, indo para o crime como último recurso.

Figura 15 - Foto com o orientador Paulo Buenoz na exposição Não há vagas



Fonte: Alves (2018)

QUEM TE CONTROLA?

A manipulação é uma arma muito potente para que o político se perpetue no poder, essa manipulação acaba se desenrolando através de subornos (a famoso propina) e propagandas enganosas. Uma pesquisa da FGV⁴ de 2009 aponta que nossa economia deva perder em torno de 4% do nosso PIB com corrupção por ano (cerca de 30 bilhões de reais). Outra pesquisa⁵ realizada em 2018 estima que mais de 90% das empresas acreditam que subornos e corrupção são completamente normais, mais de 90%! A pesquisa foi realizada em 53 países, o Brasil ficou em último lugar, a Alemanha ficou em primeiro com apenas 2%.

Neste trabalho eu questiono essa manipulação ao qual somos submetidos diariamente. Eu me utilizo de três personagens bastante caricatos, o banqueiro, o militar e o latifundiário. Todos esses personagens aparecem no poder desde a nossa concepção como nação. É incrível como vemos grandes famílias que sempre estão nos cargos mais altos de gestão em nosso país, a política brasileira é tratada como se fosse um negócio de família e haverá resistência a qualquer ameaça a essa tradição. Segundo pesquisas⁶, 62% da Câmara é formada por deputados originários de famílias políticas, enquanto no Senado esse número sobe pra mais de 70%. Ou seja, praticamente dois terços do Congresso brasileiro está tomado por algumas famílias. A lógica de domínio pelo parentesco também se dá em todas as outras esferas de poder da sociedade. Além dos executivos e legislativos estaduais e municipais, famílias tradicionais dominam o Ministério Público, todos os níveis do judiciário, os tribunais de conta, e até mesmo, os oligopólios da mídia.

Figura 16 - Série Quem te controla?



Fonte: Alves (2018)

⁴ Fundação Getúlio Vargas

⁵ Pesquisa global feita pela empresa de consultoria e auditoria Ernst & Young (EY), que ouviu 2.550 executivos de 55 países, mostrou que para 96% dos profissionais brasileiros entrevistados, as práticas de suborno ou corrupção ocorrem amplamente nos negócios.

⁶ Dados do cientista político Ricardo Costa Oliveira, que estuda a presença das famílias no poder.

Nesta primeira série eu trago a figura do manipulador movimentando um fantoche. As três charges foram criadas com uma forma geométrica central (círculo, hexágono e triângulo), em segundo plano, que compõe o corpo dos 3 personagens, cada um representado por uma cor. No primeiro plano trago a figura que representa o povo, a massa de manobra (Pierre Bourdieu) conduzida pela elite. Esse personagem não tem rosto, ele representa a todos nós, e lembra muito um boneco de pano simbolizando uma certa falta de consciência.

Figura 17 - Esboços para série Quem te controla?



Fonte: Alves (2018)

Inicialmente o personagem seria mais caricato, teria rosto. Durante as conversas com meu orientador, optamos por não representar nenhuma classe, a ideia de um personagem genérico traduz melhor a imagem do povo.

Outro ponto verificado nos primeiros rascunhos foi o de não representar o povo com um aspecto depreciativo (imagem ao lado), uma vez que apesar de estarmos “na lama” a ideia era representar o povo que não tem conhecimento do seu próprio estado de objeto manipulado.

Uma vez que utilizo da charge como ponto de partida, tentei utilizar o branco como parte da composição, sem delimitar um fundo específico, uma característica importante da charge, nem tudo precisa ser preenchido com cor.

Na primeira charge dou foco ao personagem do banqueiro, que controla a massa popular através da dívida. Estamos trabalhando cada vez mais para conseguir pagar os altos custos para se viver, enrolados em créditos com juros exorbitantes e dívidas infinitas.

No bolso do personagem vemos notas de dinheiro escapando do seu bolso, representando os lucros exorbitantes, que batem recordes anualmente.

Na segunda charge, trago a representação dos militares, apesar de não vivermos mais uma ditadura, ainda vemos muitos deles figurando no cenário político, sem falar da repressão que a polícia militar aplica sobre nós de modo a conter a “desordem” através da força e violência, força essa que controla a sociedade através do medo.

O militar é representado pelo verde, a cor de seu uniforme, e pela arma, representando a truculência. O personagem controlado joga seu futebol tranquilamente como se nada disso estivesse acontecendo.

A terceira charge da série representa uma bancada muito importante em nosso congresso, o agronegócio é um dos maiores setores da nossa economia, com isso, seu poder sobre nossos governantes é imenso. Eles desmatam para aumentar seus lucros, acabam com a natureza em prol da alta produtividade transformando tudo em pasto e plantação de commodities. Hoje vemos casos de perseguição aos poucos indígenas que ainda restam no país em busca de suas terras que contêm diversos minerais a serem explorados pelo capitalismo.

E enquanto tudo isso acontece, estamos ali representados em frente a TV, assistindo nossa novela e preocupados com o próximo sucesso das redes sociais.

Figura 18 - Charge Banqueiro da série Quem te controla?



Fonte: Alves (2018)

Figura 19 - Charge General da série Quem te controla?



Fonte: Alves (2018)

Figura 20 - Charge Latifundiário da série Quem te controla?

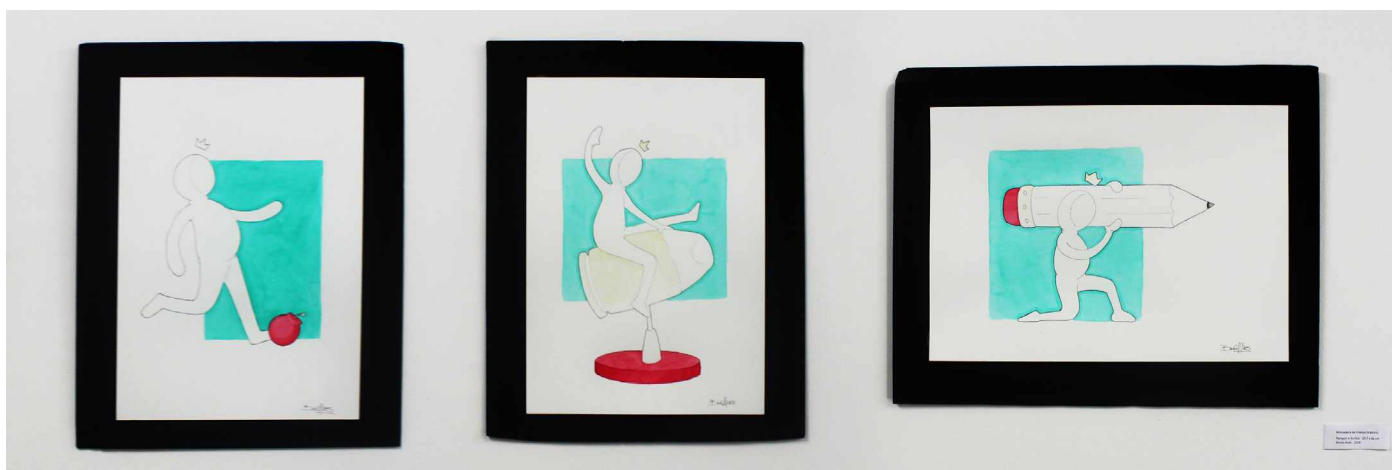


Fonte: Alves (2018)

BRINCADEIRA DE CRIANÇA

Em 2005 tivemos um plebiscito para saber a opinião da população sobre a compra e porte de armas de fogo. Nessa votação ficou claro que a maioria dos cidadãos não gostaria que as leis sobre esse assunto se tornassem mais brandas. Em 2017 toda a campanha presidencial do candidato Jair Bolsonaro foi baseada sobre o mesmo tema, porém ao contrário do que foi visto em 2005, a ideia de flexibilizar as leis pareceu atrair muita gente. Ao mesmo tempo, vemos quase todos os dias nos noticiários que pessoas estão morrendo vítimas de balas perdidas e armas de fogo de um modo geral, e temos uma criminalidade que atinge seus maiores índices.

Figura 21 - Brincadeira de criança (2018 - nanquin e acrílica sobre papel)

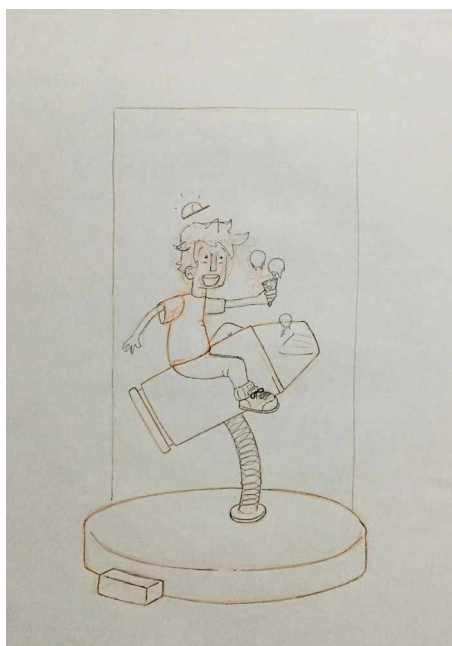


Fonte: Alves (2018)

As três charges trazem o mesmo personagem da série anterior, mas desta vez com um outro viés, pensando num mundo onde as armas viraram tão usuais que a convivência entre crianças, armas e explosivos são parte do cotidiano.



Fonte: Alves (2018)



Fonte: Alves (2018)

Figura 22 - Rascunhos para série Brincadeira de criança

Comecei o processo desta série com alguma ideia que lembrasse cartazes de manifestações, porém a partir dessa primeira possibilidade, percebi que poderia passar uma mensagem contrária ao que eu gostaria, além de não conter os elementos da sátira ou da ironia. Nisso pensei em utilizar um personagem e representar a questão do armamento de uma maneira mais lúdica. Depois de alguns rascunhos, optei por puxar o personagem da outra série para ganhar mais potência no complemento das charges.



Figura 23 - Referência de cores

Fonte: disponível na página do Paul Fuentes¹

¹Disponível em: <<https://www.paulfuentesdesign.com/>>. Acessado em 13 de out de 2018

Nas três charges tento trazer uma ideia de movimento a partir do posicionamento do personagem no primeiro plano com uma caixa verde que desloca o centro da imagem. As cores foram escolhidas com base em alguns artistas da pop art como nesse exemplo acima do Paul Fuentes (designer gráfico do México). Nas charges, faço um jogo entre coisas do mundo infantil associadas ao armamento bélico, troco a bola de futebol por uma bomba, um balanço por uma bala de revólver, já na terceira charge faço o contrário para gerar uma confusão e capturar a atenção do espectador, ao invés de segurar uma arma, o personagem segura um lápis porém numa posição de guerra.

Figura 24 - Charge Bala Mecânica da série Brincadeira de criança



Fonte: Alves (2018)

Figura 25 - Charge Bala Mecânica da série Brincadeira de criança



Fonte: Alves (2018)

Figura 26 - Charge Canhão da educação da série Brincadeira de criança



Fonte: Alves (2018)

POLÍTICOS TRADICIONAIS

Não é de hoje que há uma insatisfação, por parte da população, com relação aos nossos políticos. Já há alguns anos vemos que cada dia que passa eles perdem mais a sua credibilidade, seja por causa dos escandalos de corrupção, seja pelas leis absurdas que são votadas contra os interesses da população, no qual poderíamos elencar uma lista gigante com os descontentamentos. Vivemos uma crise de representatividade.

Figura 27 - Políticos Tradicionais (2018 - nanquin e acrílica sobre papel)



Fonte: Alves (2018)

Nesta série trago alguns comentários sobre esses políticos ao qual somos obrigados a conviver. Nestes primeiros rascunhos começo a esboçar algumas ideias, quero abordar esse contexto de políticos que travam debates que nunca chegam a lugar algum e fazem promessas que nunca serão cumpridas. Em todas as charges utilizo de um fundo laranja e o desenho em primeiro plano ultrapassa essa delimitação, meu objetivo era fazer com que o desenho crescesse, dar um destaque maior para ele através desse jogo de cor/não cor.

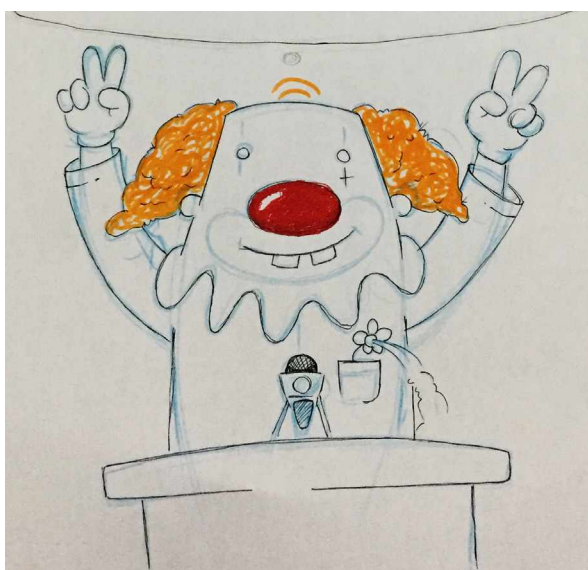


Figura 28 - Esboços iniciais para série Políticos Tradicionais

Fonte: Alves (2018)



Fonte: Alves (2018)

Na primeira charge, ou minha primeira crítica, coloco o político como um palhaço com a frase: Por uma gestão mais séria!; a frase faz um contraponto à figura do personagem e faz referência ao grande circo que a política arma para a população.



Fonte: Alves (2018)

Na segunda charge, chamo atenção para grande parte dos políticos que defendem a constituição, defendem as leis, porém possuem pendências legais na justiça e se escondem atrás do foro privilegiado (é uma exceção, algumas autoridades não podem ser julgadas por um tribunal comum, somente pelos tribunais superiores, o que retarda e/ou extingue as denúncias). Aqui eu busco quebrar a série mostrando apenas uma perna de um político, atrás do púlpito, preso por uma tornozeleira eletrônica (um tipo de monitoramento concedido à presos que estão em prisão domiciliar ou necessitam sair da prisão para trabalhar).

Na terceira, e última, charge, faço uma sátira aos políticos de direita (ou os chamados liberais) que constantemente insistem em vender nossas empresas para estrangeiros com a desculpa de que o estado não consegue gerenciá-las, torná-las lucrativas e produtivas. Trago então o Tio Sam (personagem representativo dos EUA) fazendo o leilão de áreas muito importantes para nós brasileiros como: saúde, educação, energia, segurança, Amazônia e a Petrobrás.

Figura 29 - Charge Palhaçada da série Políticos Tradicionais (2018 - nanquin e acrílica sobre papel)



Fonte: Alves (2018)

Figura 30 - Charge Tornozeleira do campeões da série Políticos Tradicionais (2018 - nanquin e acrílica sobre papel)



Fonte: Alves (2018)

Figura 31 - Charge Roda a roda da série Políticos Tradicionais (2018 - nanquin e acrílica sobre papel)



Fonte: Alves (2018)

GRÁFICOS REPRESENTATIVOS

A série gráficos representativos nos traz três gráficos que não dizem nada, mas todos formam uma mesma palavra: miséria. essa é uma analogia aos diversos índices que são utilizados como meras justificativas para mostrar dados manipulados que na realidade vemos que não são bem assim. Em nosso dia a dia não vemos as melhoras que eles nos dizem, por isso são dados que não nos acrescentam ou informam nada.

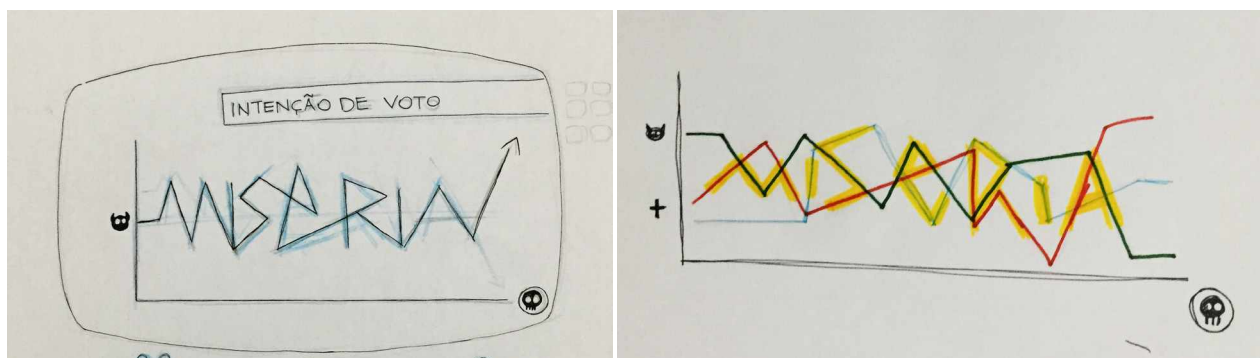
Figura 32 - Gráficos representativos (2018 - nanquin e acrílica sobre papel)



Fonte: Alves (2018)

Já fizemos uma reflexão sobre a miséria que tomou conta de nosso país, constantemente vemos na TV índices de desemprego diminuindo, índices de petróleo diminuindo de preço, índices de educação melhorando... a questão é que não vemos isso empiricamente. Cada vez vemos mais mendigos nas ruas, a gasolina não diminui o preço nos postos, temos a sensação de que estamos em um mundo diferente do que esses gráficos dizem.

Figura 33 - Esboços iniciais para série Gráficos representativos



Fonte: Alves (2018)

Fonte: Alves (2018)

Figura 34 - Charge Gráfico 1 da série Gráficos representativos (2018 - nanquin e acrílica sobre papel)



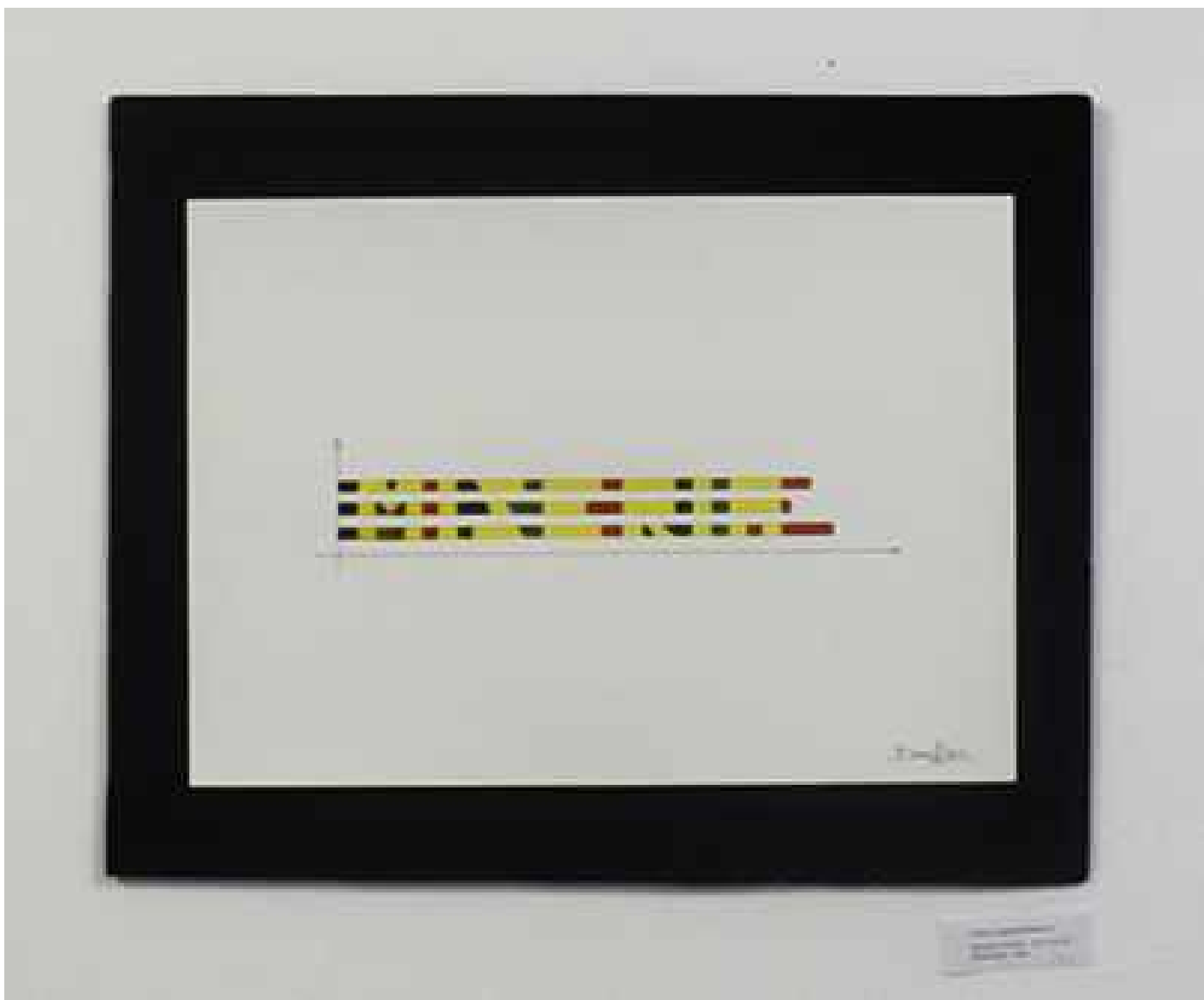
Fonte: Alves (2018)

Figura 35 - Charge Gráfico 2 da série Gráficos representativos (2018 - nanquin e acrílica sobre papel)



Fonte: Alves (2018)

Figura 36 - Charge Gráfico 3 da série Gráficos representativos (2018 - nanquin e acrílica sobre papel)



Fonte: Alves (2018)

ALÉM DOS DESENHOS

Ao pensar na forma como se daria a exposição, senti a necessidade de trazer algo além do desenho, algo que tirasse um pouco do silêncio da sala, que desse uma maior dinâmica. Fiz um vídeo que seria utilizado apenas com um teaser (uma prévia) da exposição. Minha ideia era utilizá-lo somente para convidar os amigos, informando a data e local da exposição, mas tive um feedback tão interessante do vídeo que decidi por colocá-lo dentro da exposição.

O vídeo é um apanhado de imagens dos trabalhos expostos com uma trilha de fundo que contém várias frases célebres ditas por políticos brasileiros (Temer, Bolsonaro, Collor, Brizola), como por exemplo: - Minoria tem que se calar, se curvar à maioria; No nordeste você não consegue uma pessoa pra trabalhar na sua casa; Na economia a mulher tem uma grande participação, ninguém mais é capaz de indicar os desajustes do supermercado do que a mulher; Se agir com energia é ser torturado, então vai ser torturado. Por mais absurdos que esses discursos sejam, praticamente todos os dias somos premiados com essas pérolas, o despreparo de nossos governantes é gigantesco.

Figura 37 - Cenário para assistir o vídeo



Fonte: Alves (2018)

Figura 38 - Cenário para assistir o vídeo e adesivos para levar

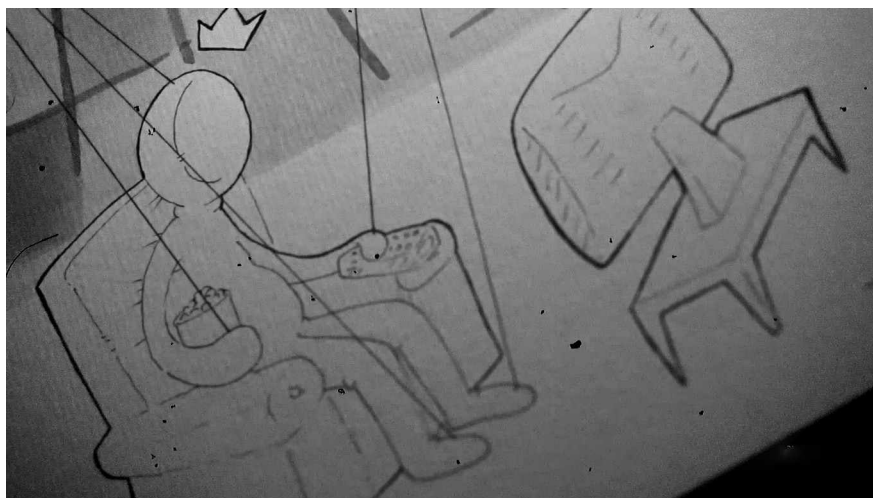


Fonte: Alves (2018)

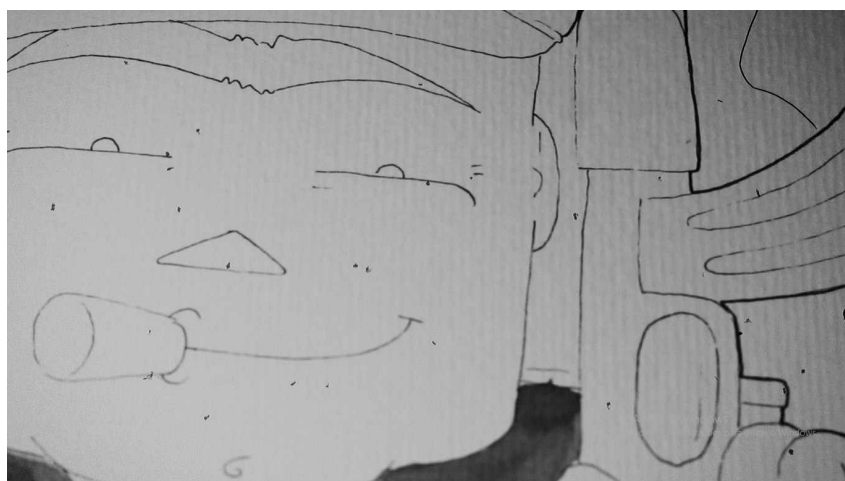
Fonte: Alves (2018)

Quem foi à exposição, pode levar um pedacinho dela pra casa, em forma de adesivo. Fiz 3 diferentes adesivos a partir da série “Brincadeira de criança”, fazendo com que aquela exposição efêmera ganhasse um maior tempo de vida, colando esses adesivos em cadernos, em casa e etc.

Figura 39 - Recortes do vídeo exibido na exposição *Não há vagas*



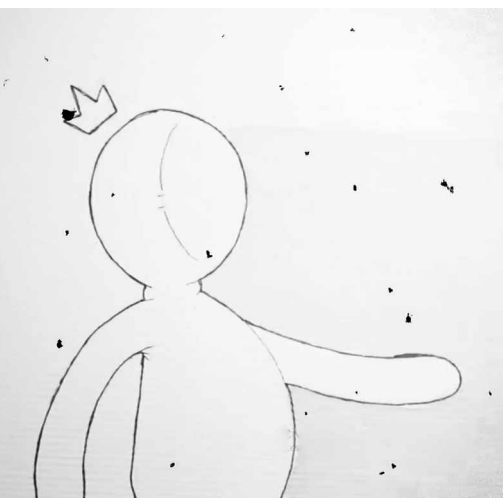
Fonte: Alves (2018)



Fonte: Alves (2018)



Fonte: Alves (2018)



Fonte: Alves (2018)

REFLEXÃO

Meus trabalhos de desenho, em geral, possuem uma questão gráfica muito forte, adoro brincar com cor e a falta dela. Gosto de deixar espaços vazios pra gerar movimento, para dar dinâmica no trabalho. A questão do lúdico também é bastante presente em meu trabalho, sempre parto da figura original e vou tirando as características realistas e dando um ar de cartoon. Nessa exposição consegui criar uma boa sequência de trabalhos, acho que estava potente, tinha conteúdo, tinha embasamento. Acredito que eu poderia ter melhorado a finalização dos trabalhos, meu traço ficou um pouco mais fino do que eu esperava, na visão de longe achei que ele perde nitidez. A moldura também é um ponto que achei que poderia ter melhorado, uma moldura maior pra ganhar mais peso em cada tela.

As primeiras etapas do processo foram muito importantes para meu crescimento artístico, agora percebo que é preciso estar aberto ao sensível para que as potências ganhem vida através do desconforto, que vai trazer a resposta, a necessidade de produção criativa - nesse momento o repertório também é

muito importante.

Esta experiência foi de grande valor para meu entendimento, e reconhecimento, como artista singular. Percebo como é importante deixar-se atravessar, deixar-se ser convocado, permitir certas frequências do sensível e postergar o pensamento para um segundo momento.

MATERIAL CONSULTADO

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir. 1993

THOREAU, Henry D. A desobediência civil. Tradução de José Geraldo Couto. Penguin & Companhia das letras. 2017

ORLEANS E BRAGANÇA, Lui Philippe. Por que o Brasil é um país atrasado?. Editora Novo Conceito. 2017

PROUST, M. Em busca do tempo perdido. Porto Alegre: Ed.Globo, 1983a.

DELEUZE, G. Diferença e repetição. São Paulo: Graal, 1988.

LIMA, Fernando G. A arte gráfica de Millôr e a sua contribuição à sociedade. UFRJ. 2014

Potal UOL. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2009/11/12/economist-transforma-cristo-re>

dentor-em-foguete-e-diz-que-brasil-decola.htm>. Acesso em 3 de julho de 2018.

Potal UOL. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2009/11/12/economist-transforma-cristo-redentor-em-foguete-e-diz-que-brasil-decola.htm>>. Acesso em 15 de maio de 2018.

Gazeta do Povo. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/lava-jato-faz-do-combate-a-corrupcao-tema-obrigatorio-das-eleicoes-em-2018-1rcjrywoxq4utdel3mqqtqxqn>>. Acesso em 21 de outubro de 2018.

The Intercept. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/09/02/familias-tradicionais-dominam-a-politica-brasileira-e-isso-nao-tem-hora-para-acabar/>>. Acesso em 21 de outubro de 2018.

Jornal Publico. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2014/05/06/politica/opiniao/miseria-social-miseria-moral-mais-pobres-mais-frageis-1634699>>. Acesso em 21 de outubro de 2018.

Jornal Publico. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2018/09/22/mundo/analise/a-perversa-polarizacao-politica-do-brasil-1844937>>. Acesso em 21 de outubro de 2018.

O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/miseria-em-tempos-modernos-11926941>>. Acesso em 21 de outubro de 2018.

Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornadas_de_Junho>. Acesso em 21 de outubro de 2018.

Toda Matéria. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/genero-textual-charge/>>. Acesso em 21 de outubro de 2018.

Há um golpe militar em marcha no Brasil hoje. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BwLg13hSkRk>>. Acesso em 21 de outubro de 2018.

Revista Select

